

## IX

## LOUVOR E GRATIDÃO

Embora os resultados de nossa visita ao abismo fossem aparentemente mínimos, sentíamos-nos confortados e satisfeitos.

De volta, ladeando pântanos e guardando a mesma severa atitude de vigilância, ao considerar possíveis surpresas do caminho, fizemos todo o trajeto em profundo silêncio.

Aproximando-nos, porém, do instituto, após atravessar a zona perigosa, a Irmã Zenóbia tomou a palavra, agradecendo-nos em tom comovedor. Depois de carinhosas expressões de reconhecimento, acentuou, jubilosa:

— Felizmente, nosso trabalho foi abençoado e profícuo. Os cooperadores novos estranharão, talvez, a minha afirmativa, lembrando, sem dúvida, que as faixas de salvamento voltaram vazias. No entanto, algo ocorreu de mais importante que a eventualidade de trazermos compulsoriamente conosco alguns irmãos infelizes. Refiro-me à semeadura das verdades eternas nos corações ignorantes, à ministração da esperança aos desalentados e tristes. Não somos apologistas da violência, mas semeadores do bem, e a base natural da colheita segura é a sementeira cuidadosa. Os ensinamentos edificantes lançados ao solo do entendimento abrem horizontes novos e claros à investigação mental dos necessitados e sofredores. Muitos deles, ainda esta noite, cultivarão os princípios renovadores recebidos, em processo intensivo no campo interno, e amanhã, provavelmente, estarão em condições vi-

bratórias adequadas à internação em nosso asilo. Mais desejável para nós é que todos caminhem, utilizando os próprios pés, para que, de futuro, em meio dos serviços naturais da regeneração, não se declarem vitimados por ações de arrastamento. Em todos os lugares encontraremos a compaixão e a justiça de Deus.

Sorriu, benevolente, e acrescentou:

— A compaixão, filha do Amor, desejará entender sempre o braço que salva, mas a justiça, filha da Lei, não prescinde da ação que retifica. Haverá recursos da misericórdia para as situações mais deploráveis. Entretanto, a ordem legal do Universo cumprir-se-á, invariavelmente. Em virtude, pois, da realidade, é justo que cada filho de Deus assuma responsabilidades e tome resoluções por si mesmo.

O esclarecimento era lógico e reconfortador. Desejávamos a continuidade da argumentação; no entanto, acercávamo-nos da Casa Transitória, então à nossa vista. Alcançáramos as vizinhanças do átrio e admirei-me da movimentação em torno.

Entidades numerosas iam e vinham. Quase todas penetravam a organização socorrista ou dela saíam, em grupos reduzidos. Velhos amparavam jovens que me pareciam indecisos, titubeantes. Crianças nimbadas de luz guiavam adultos de rosto sombrio, figurando-se carinhosos e pequeninos condutores de cegos.

O quadro era formoso e enternecedor. Possivelmente, examinando a estranheza que se apossara de mim, adiantou-se a orientadora da instituição, explicando, atenciosa:

— Nossos amigos da Crosta, parcialmente libertos da carne pela atuação do sono, afluem até aqui, todas as noites, trazidos por companheiros espirituais, com o fim de receberem socorros ou avisos necessários. A Casa oferece recursos aos encontros oportunos.

Não consegui disfarçar a surpresa, ante a cena



maravilhosa, contemplando, embevecido, o cuidado terno dos benfeitores desencarnados com todos aqueles que vinham dos círculos terrestres mais densos.

Atravessada a zona magnética de defesa, confundimo-nos com os passantes. Não longe de mim, interessante menino, que aparentava nove a dez anos de idade, revestido de gracioso halo de luz, guiava uma senhora de passos incertos. Parecia enferma, incapaz de auto-controle. O pequeno, porém, segurava-lhe firmemente a destra e, após saudar a Irmã Zenóbia, respeitoso, exclamou para a matrona hesitante:

— Por aqui, mamãe! por aqui! venha sem medo.

Ouvindo-o, a interpelada parecia acordar num sonho bom e gritava, semi-inconsciente:

— Meu filhinho, meu filhinho! não me deixes voltar. Quero-te sempre, sempre...

As expressões de meiguice misturavam-se a copioso pranto. Fixei-lhe os traços fisionômicos. A pobre mãe não nos enxergava. Seguia, acanhada e insegura de si. Seus olhos, que vertiam grossas lágrimas, permaneciam presos na contemplação da criança, revelando a suprema ternura de mãe, exausta de saudade, a reencontrar o objeto de seu amor, que parecera perdido para sempre.

— Mamãe, caminhe! não desfaleça! — clamava o rapazinho, exultando de júbilo.

— Já vou, meu filho! eu te seguirei, leva-me contigo! — tornava a palavra maternal, afogada em sublime emoção.

Meus companheiros, habituados talvez, desde muito, ao espetáculo, conversavam, descuidados, entre si; todavia, segui, de olhos humedecidos, a criança carinhosa que amparava a sua mamãe, até que desapareceram através de uma das portas laterais.

Não contive a surpresa que me dominava. Tocando o braço do padre Hipólito, indaguei:

— Meu amigo, com que fim seguiriam a senhora e o menino?

Esboçou ele significativo gesto de espanto e observou:

— Não os vi.

Falei-lhe, então, do quadro que tanto me enternecera, bordando meus informes de considerações afetivas.

O ex-sacerdote sorriu compassivo e acrescentou:

— Ora, André, são tantas mães e tantas crianças a transitarem por aqui!... Certamente, o filhinho, como tantos outros, conduz a genitora a gabinetes de auxílio.

Não tive tempo para emitir novas impressões.

Nosso grupo atingiu a porta de ingresso e dois amigos acercaram-se, solícitos. Tratava-se de Gotuzo e outro irmão com quem não havia entrado em contacto pessoal.

Saudaram-nos, corteses.

Logo após, dirigiu-se Gotuzo à diretora, informando-a de que os serviços de colaboração na Crosta, junto dos técnicos que organizavam algumas reencarnações expiatórias, haviam sido executados satisfatoriamente.

Zenóbia agradeceu e convidou-os a partilhar das orações de louvor e gratidão ao Todo-Poderoso.

Penetrámos a Sala Consagrada, onde a orientadora tomou conhecimento das medidas levadas a efeito em sua rápida ausência e certificou-se de que todos os abrigados haviam comparecido à reunião geral de preces e auxílios magnéticos, realizada minutos antes.

Sinais sonoros convocaram colaboradores à ação de graças.

Zenóbia, delicada e ativa, dispôs-nos em torno de vasta mesa, ao fundo da qual se erguia uma tela transparente de grandes proporções.

Admirável a comunhão da casa! Todos os dirigentes das variadas secções, em que se subdivi-



diam as atividades do instituto, encontravam-se presentes para a tarefa gratulatória.

A diretora informou-nos, afável, que todas as noites se verificavam trabalhos de oração para os asilados e para o pessoal administrativo, salientando que, nesses últimos, se reunia em pessoa com todos os sub-chefes da organização que não se encontrassem inibidos por motivos de serviço. Naquela oportunidade, éramos ali trinta e cinco criaturas, presas ao doce magnetismo daquela mulher, que tão bem sabia desempenhar a excelsa missão educativa. À cabeceira do grande móvel referido, cercado pelas poltronas confortáveis que ocupávamos em duas filas, sentou-se Zenóbia, radiante, mantendo-se de frente para a tela constituída de tecido diáfano, semelhando tenuíssima gaze. Trinta e cinco mentes, interessadas na aquisição de luz divina, uniam-se à dela, para as vibrações de reconhecimento e paz.

Gotuzo, próximo de mim, entregou-se a profunda meditação.

Solicitando-nos acompanhar-lhe mentalmente as palavras, a instrutora iniciou a oração comovente e sublime:

— Senhor da Vida: nossos corações transbordantes de júbilo te agradecem as bênçãos de cada dia!

“Permite que nos reunamos, em teu nome, nesta noite bendita de felicidade e esperança, para manifestar-te nossa gratidão imperecível.

Não te rogamos, Senhor, vantagens e benefícios para nós outros, ricos que somos de tua luz e misericórdia, mas suplicamos ao teu coração augusto nos sejam concedidos os dons do equilíbrio e da equidade, para que saibamos distribuir nossa divina herança e não dissipemos, em vão, a glória de tuas dádivas. Fortifica-nos a noção de harmonia para sermos cooperadores leais de teus santos desígnios.

Erguemo-nos do abismo do passado, por tua

bondade vigilante, e aqui nos encontramos para servir-te! Entretanto, Pai, vergados ao peso das inclinações humanas, por nós cultivadas com diversos emotivos, durante milênios, não prescindimos de tua disciplina e de tua força paternal. Dá-nos o clima sadio da libertação de nós mesmos! Magnetizados pelas nossas recordações do pretérito, nem sempre te compreendemos a vontade soberana e criteriosa. Anula-nos o personalismo inferior para que a consciência do Universo nos esclareça o coração. Levanta-nos o raciocínio para mais alto entendimento, faze-nos vibrar no campo de teus Divinos Pensamentos!

Puseste em nossa boca o verbo construtivo, encheste-nos a alma de luz e tranquilidade, a fim de colaborarmos em tua obra. Deste-nos, neste pouso de amor fraterno, companheiros dedicados ao bem, e, em torno de nossa tarefa pequenina, colocaste a multidão dos aflitos e sofredores.

Oh! Senhor, como somos felizes pela possibilidade de ministrar em teu nome consolações e esclarecimentos! Contudo, nós te imploramos inspiração e roteiro, considerando as responsabilidades dos que te recebem a mordomia da salvação! Ensina-nos a agir desapassionadamente, infunde-nos respeito pela autoridade que nos deste, ajuda-nos a desprender a mente das criações individuais, para que te sintamos mais de perto no esforço coletivo da elevação comum! E toda vez que nossos atos traduzam interferência indébita do livre arbítrio na execução de tuas leis, repreende-nos, severamente, para que não persistamos no desvio impensado. Somos teus filhos frágeis e confiantes! Todas as tuas resoluções, a nosso respeito, são excelentes e belas. Concede-nos, pois, bastante visão, de modo a enxergarmos nossa ventura em teus desígnios, sejam quais forem!

Somos servos humildes de tua sabedoria gloriosa!

Neste celeiro de paz consoladora, recebemos



a tua presença indireta, através de mil recursos diferentes com que atender aos que choram e padecem.

‘O’ Pai Compassivo! que felicidade maior que esta, a de espalhar, com Nosso Senhor Jesus-Cristo, as tuas bênçãos redentoras e carinhosas? que escola mais rica, além da que se localiza nesta casa, onde aprendemos, jubilosos, a exercer o dom sublime de dar?”

A instrutora interrompeu-se, de voz afogada na emoção com que se dirigia a Deus, e, aludindo à realização particular que efetuara naquela noite, prosseguiu, depois de longa pausa, comovendo-nos a todos:

— Dilatando-nos a alegria, estimulando-nos a coragem, santificando-nos a esperança, tu permites ainda, Senhor, que possamos atender ao coração interessado em lenir e confortar Espíritos queridos, que se perderam de nossa companhia no curso incessante do tempo!

Nova pausa da orientadora. Em seguida, imprimindo suave entono às palavras que pronunciava, a Irmã Zenóbia concluiu:

— De alma voltada para a tua magnanimidade, endereçamos-te reconhecimento sem termo!

“Sê louvado por todos os milênios dos milênios, sê glorificado por todos os seres da Criação! Teus servidores nesta casa de edificação agradecem-te as oportunidades preciosas de trabalho e esperam a continuidade de tuas bênçãos. Que a tua infinita luz seja refletida em todo o Universo Infinito! Assim seja.”

As últimas sentenças da oração inesquecível foram cunhadas em profunda emoção misturada de júbilo. Aquela prece constituía ato de louvor dos mais formosos que eu escutara, até então. Zenóbia regozijava-se pelo ensejo de serviço, pela fortuna de contribuir com alguma coisa de útil, pela ventura de repartir o bem.

Os minutos de adoração elevaram-nos. Suave

luz irradiava-se de nossas frentes sincronizadas nos mesmos pensamentos.

Finda a manifestação gratulatória, a diretora recomendou-nos observação e silêncio. Não se passou muito tempo e a tela, desdobrada diante de nós, como se fora instrumento de resposta ao esforço devocional, iluminou-se de súbito, expelindo raios de brilho maravilhosamente azul, que espargiram sobre a diminuta assembleia, quais minúsculas safiras eterizadas. Davam-me a ideia de energias divinas a eclodirem sobre nós, penetrando-nos o íntimo e revitalizando-nos o ser.

Transcorridos alguns minutos, Zenóbia agradeceu, sensibilizada, interpretando o sentimento geral.

Nova quietude pairou em toda a sala. Contudo, após longos instantes de expectativa mais intensa, Luciana tomou a palavra e dirigiu-se à Diretora, nestes termos:

— Neste momento, vejo na tela das bênçãos respeitável ancião, cercado de luz verde-prateada. Estende-lhe a destra, abençoando-a e me recomenda dizer-lhe tratar-se de Bernardino.

— Ah! já sei — respondeu, contente, a instrutora — é mensageiro da Casa Redentora de Fabiano. Que Jesus o recompense pelo contentamento que nos traz.

— Assegura o iluminado visitante — tornou a clarividente prestimosa — que as vibrações ambientais inclinam-se, agora, para as esferas inferiores e que não conseguirá fazer-se visível a todos, não obstante o seu desejo. Acrescenta que os amigos da instituição velam pela marcha harmoniosa dos serviços e que a fonte da Bondade Divina suprirá sempre de paz e recursos a todos os corações de boa vontade, na sementeira do bem.

Em seguida a ligeiro intervalo, que Luciana parecia aproveitar em metódica observação, informou, comovida:

— O emissário contempla-nos, silencioso, e, er-



guendo os olhos para o Alto, pede para nós a luz da compreensão divina.

Vimos profusa emissão de raios brilhantes de luz verde, por intermédio de diáfana substância, como nova chuva de pequeninas gotas celestes.

Terminada a exteriorização da sublime energia, portadora de bem-estar, e findos alguns minutos de novo silêncio, Luciana voltou a comunicar-se com a diretora:

— Irmã, ilumina-se a tela novamente. Desta vez, temos a visita de uma bem-aventurada celeste. Oh! sua fisionomia deslumbra! Tem no colo soberbo ramalhete de lírios nevados a exalar inebriante perfume.

A informante não havia completado a notificação e, em meio da alva claridade que se evolava da tela, sentíamos todos o aroma característico das flores mencionadas, envolvendo-nos em ondas de alegria e paz indescritíveis.

Impressionada por sua vez, Luciana prosseguiu:

— A mensageira traja veludosa túnica, talhada em delicado tecido semelhante à escumilha de neve, e parece em oração de agradecimento...

— Agora, fixa-nos, bondosa — continuou, retomando a palavra — e atira-nos as flores que traz consigo, revelando inextinguível carinho! Diz alguma coisa... Oh! sim, com permissão dos nossos Maiores, deseja comunicar-se com o irmão Gotuzo e solicita-nos cooperação!

Não pude ocultar a surpresa, em face do desdobramento dos trabalhos naquele ofício de gratidão e louvor.

A Irmã Zenóbia, naturalmente experimentada nas atividades de intercâmbio, interveio, acrescentando:

— Sim, Luciana, tanto quanto estiver em suas possibilidades, ceda o seu veículo de manifestação, já que o ambiente permanece pesadíssimo. Noutras circunstâncias, a providência não seria necessária,

mas as substâncias densas do plano, carregado de forças negativas, incidem sobre o aparelho das bênçãos, forçando-nos ao concurso pessoal mais direto. Estamos prontos para receber a devotada emissária nesta casa de paz. Gotuzo e nós outros, colocamo-nos à disposição dela, a fim de ouvir-lhe a mensagem de amor.

A enfermeira, com a possibilidade de quem enxergava mais que nós, observou comovidamente:

— Identifica-se por Letícia, declara que desencarnou há trinta e dois anos e assevera que foi mãe do companheiro referido.

Mais emocionada e reverente, acentuou:

— Ah! desloca-se agora da tela e vem ao nosso encontro. Adianta-se. De suas mãos desprendem-se raios de sublime luz. Abraça-me! Oh! como sois generosa, abnegada benfeitora!... Sim! estou pronta, cederei com prazer!...

Nesse instante, a fisionomia de Luciana transformou-se. Beatífico sorriso estampou-se-lhe nos lábios. De sua fronte irradiava-se formosa luz. Com a voz altamente modificada, começou a exprimir-se a emissária por seu intermédio:

— Irmãos, seja conosco a paz do Cordeiro Divino! Não desejamos perturbar a reunião que vos congrega no serviço impessoal da verdade e do bem; todavia, com a permissão dos nossos Orientadores, venho ao encontro de alguém que nos é muito caro, buscando despertar-lhe a consciência para horizontes mais altos da vida.

Sorriu, benévola, e continuou:

— Relevem-nos, pois, dedicados amigos! Nossas experiências mais elevadas resultam da permuta incessante de valores comuns. O coração que ama em Cristo é operosa abelha que recolhe o mel de sabedoria em todas as flores de amor e trabalho. Colherei, contente, na alma fraterna desta assembleia de cooperadores da Vontade Divina, elementos de tolerância e compreensão e sentir-me-ei feliz se



puder oferecer-lhes algo do carinho materno que mantenho no coração faminto de vida superior.

Fez reduzido intervalo entre a saudação e o objetivo de sua permanência entre nós. Em seguida, dirigindo-se, em particular, ao colega que lhe recebia a visita, expressou-se com acentuada inflexão de ternura:

— Gotuzo, meu filho, serei breve. Antes de adverti-lo, já roguei ao Senhor o abençoe e inspire sempre. Ouça, desapaixonadamente, a palavra de sua mãe e velha amiga. Desprenda-se das ideias antigas para compreender melhor. As concepções inferiores de nosso "eu" também se cristalizam, impedindo a penetração da luz em nosso campo interno. Escute, filho meu! como pode menosprezar a santa oportunidade de elevação? como pode permanecer em repouso, perante as necessidades primordiais do Espírito? O Mestre aproveita as qualidades utilizáveis do discípulo, em determinado setor do aprendizado, adiando, por misericórdia, a melhoria e o aprimoramento de certas zonas obscuras da personalidade. Por vezes, o aprendiz retarda-se meses, anos, séculos... Jesus não é senhor da violência e nunca impõe drásticos à obra evolutiva. E' cultivador do trabalho, da esperança. Aguardará sempre, compassivo e bondoso, nossas decisões de colaborar no apostolado redentor, suportará nossas faltas muitas vezes; entretanto, em nosso próprio interesse, deveremos atentar, vigilantes, para os seus ensinamentos, com a sincera disposição de aplicá-los. Sem dúvida, não nos fulminará com raios destruidores pela nossa demora em desculpar alguém; no entanto, recomendou perdemos setenta vezes sete vezes; naturalmente, não nos perseguirá pela nossa dificuldade em simpatizar com irmãos atualmente menos felizes que nós. Esforçou-se, contudo, para que nos amemos uns aos outros. Não virá em pessoa obrigar-nos a assumir determinada atitude evangélica, mas traçou todas as disposições necessárias ao estabelecimento de roteiros para a

prática do bem. Seu esforço médico, nesta casa, é, de fato, apreciável. Companheiros dignos seguem-no com amizade e admiração. Multiplicam-se os valores que o cercam; amontoa você preciosidades e bênçãos, na parte das aquisições afetivas, porém... e o seu próprio destino? Seus amigos, não obstante a luz que lhes brilha no caráter santificado, não podem substituí-lo nas realizações que os esperam. Suas manifestações de natureza exterior instruem e confortam. Seus pensamentos mais íntimos, entretanto, dilaceram-nos o coração. Como conduzirá doentes à cura, se prossegue magoado com aqueles que o feriram aparentemente? como dará lições de bom ânimo aos tristes, se se demora tanto tempo na ilusão do desalento? Oh! filho amado, ninguém serve à obra do Pai com a mente toldada pelo vinho amargoso das paixões! Abra o entendimento à passagem das bênçãos divinas! não guarde vermes venenosos no jardim da esperança... Estragariam as mais belas flores, aniquilando a promessa dos frutos...

Interrompeu-se a mensageira, por um momento, parecendo coordenar a argumentação, e prosseguiu:

— E' razoável que você demore neste asilo de amor, colaborando na cura de desequilibrados mentais, longe dos círculos mais densos. Contudo, não pretende ganhar o mais além? admite, satisfeito, o cárcere do estacionamento, malgrado o caráter do trabalho edificante? não desejará libertar-se para libertar, efetivamente, os prisioneiros da ignorância? não demandará o plano superior para ser mais útil aos que intentam galgar a escada reveladora da luz imortal? Não falo a você, agora, dentro da afetuosa impertinência de mãe. Nossos laços, presentemente, em relação ao passado, são muito diversos. Somos, ambos, filhos do Pai Altíssimo, e creia que minha devoção por você não é menor. Não o abandonarei às inclinações menos elevadas, não obstante justificáveis na tabela das convenções puramente humanas. E, em



razão disso, venho ouvi-lo sobre os seus propósitos. Você tem cooperado, espontâneo e assíduo, nas tarefas do bem. E' um trabalhador com direito a descobrir os próprios erros e a retificar o caminho que lhe compete. Ouça, porém, meu filho, e compreenda-me: venho intercedendo, junto às autoridades que nos regem os destinos, para que a sua consciência desperte para a divina luz. O grupo doméstico, amado e inesquecível, espera por você na preparação da felicidade porvindoura!...

As palavras pronunciadas exprimiam enorme bagagem de considerações que ficariam por dizer. Cada conceito envolvia-se em significativa onda de pensamentos, que evidenciavam, de modo indireto, os sagrados fins da visita materna.

Após longa pausa, Leticia indagou delicadamente:

— Que responde, filho meu?

Fez-se comovedor silêncio; percebemos que Gotuzo chorava, entre a respiração opressa e os soluços mal-contidos. Ao termo de alguns instantes, replicou, humilde:

— Minha mãe! minha boa mãe! Estou pronto!...

A comunicante, cuja presença sentíamos sem ver, tornou, visivelmente emocionada:

— Rendo graças ao Senhor pela sua compreensão. Sim, meu filho, organizaremos todas as medidas indispensáveis. Voltará, em breve, ao agrupamento familiar. Prepare-se, considerando a luta imprescindível à iluminação. O instituto doméstico, legitimamente considerado, é celeiro de supremos valores educativos para quantos procurem os interesses divinos, acima das cogitações humanas. O lar terrestre é bendita forja de redenção. Reencontrará as simpatias e antipatias de outro tempo, oferecendo possibilidades felizes de reajustamento emocional. Recapitule mentalmente as lições aprendidas, peça a inspiração de Jesus e disponha-se a partir, tranquilo. Não desanime diante do serviço a fazer. Somos milhões de criaturas, disputando

o ensejo de santificar sentimentos. No passado, raras vezes procedíamos em obediência aos ditames da Lei. Se exteriorizávamos estima, perdíamos-nos em excessos de paixão, como perdulários do afeto; se manifestávamos atitudes de corrigenda, cedíamos à cegueira do ódio, como cultores do exclusivismo feroz. E' necessário regressar ao curso, para conquistar o equilíbrio espiritual necessário à elevação.

Gotuzo, em lágrimas, não conseguia falar. A ex-genitora, todavia, deixando-nos perceber que lhe captava os mais íntimos pensamentos, acentuou, depois de mais longo interregno:

— A esposa dedicada que deixou na Crosta não poderá servir-lhe de mãe; entretanto, ser-lhe-á carinhosa e experiente avó. Seu adversário gratuito, pobre homem que se entregou à inveja e à ambição destruidoras, receberá seus beijos infantis e com eles os eflúvios de seu perdão renovador. Que coração enganado pelos maus sentimentos não se dobrará entre as mudanças da vida? O ex-inimigo penetra, agora, no declínio das ilusões. Sua alma atravessa atualmente o pórtico que dá acesso à velhice do corpo temporário. Ao invés de lembranças doces que lhe afaguem o espírito, curtirá aflitivas reminiscências. Sua presença atenuar-lhe-á os pesares. Enquanto as doenças do desequilíbrio lhe vergastarem a carne e as recordações penosas lhe castigarem a mente, será você o neto consolador, mensageiro de paz em forma de criança. Ajudá-lo-emos a consagrar-lhe atenção e carinho. No desencanto do corpo cansado e na ternura infantil, o Espírito consegue sublimes realizações para a vida eterna.

Novo intervalo da visitante, que continuou, em seguida:

— Seu futuro pai, na efêmera existência humana, coração particularmente amado do seu, receberá concurso amoroso e decisivo dum filho muito caro, elevando-se a nobilitante altura moral, pelo



sagrado estímulo de sua companhia. Sua volta infundir-lhe-á mais respeito ao mundo e aos semelhantes. Desejará cultivar virtudes e valores, a fim de que você lhe abençoe a paternidade. Chorarão com as suas dores, rir-se-á com as suas alegrias. Sentir-se-á novo homem, ao contacto de suas mãos pequeninas. Seu esforço futuro, após as realizações que vem levando a efeito, beneficiará todo o grupo familiar, em abençoada tarefa que não pôde realizar na condição que passou. O meu filho! haverá ventura maior que a de liquidar nossos débitos e partir unidos para os júbilos do cântico imortal de integração com a Divindade? Outras escolas mais belas esperam por nós, outras glórias nos felicitarão para sempre! Sigamos para Deus!...

Nesse ponto, interrompera-se-lhe a palavra, talvez absorvida pela emoção profunda.

Respeitoso e humilde, Gotuzo rogou à Irmã Zenóbia lhe permitisse aproximar-se. Obtido o consentimento, avançou para a poltrona em que Luciana traduzia a personalidade materna, e ajoelhou-se, beijando-lhe as mãos:

Letícia, bondosa, recomendou:

— Levante-se, meu filho... Sei que você me ama, intensamente. Todavia, há irmãos nossos que lhe esperam a estima e a compreensão. Não venho sozinho ao seu encontro. Enquanto me dispunha a visitá-lo, solicitei o comparecimento de alguém dos círculos mais densos, para colher a certeza de suas disposições. Para a nossa felicidade completa não basta que você me beije e admire. É indispensável que se aproxime fraternalmente daqueles a quem ainda não sabe amar. Alguém confabulará conosco, dentro de minutos breves. Abrir-se-ão as portas desta casa de bênçãos, em benefício de nossa congregação familiar. Espere.

Mantinha-se Gotuzo em ansiosa expectativa, em face das singulares observações.

Surprendendo-nos a todos, poucos segundos após, duas senhoras penetraram o recinto. A que

apresentava maior número de anos, revelava alta posição de orientadora, na luz que a circundava, mas a segunda mostrava a obscura condição de alma encarnada, em temporário afastamento do corpo, através do sono físico. Reconheceu Gotuzo, de longe, e, evidenciando incontestável deficiência de disciplina emotiva, estendeu-lhe os braços, descontrolada e inquieta, bradando:

— Gotuzo! Gotuzo! que felicidade, este reencontro!

Parecendo, porém, perturbada pelo choque das lembranças relativas à diferente situação que o desprendimento do primeiro esposo lhe trouxera, acrescentava, aflita:

— Não me queira mal! ajude-me por amor de Deus! não me abandone, não me abandone!...

Dolorosos soluços rebentavam-lhe do peito.

O interpelado ficou silencioso, atendendo, talvez, à íntima angústia que o dominava, mas Letícia interveio, generosa. Erguendo-se, firme, recolheu a nora nos braços e tranquilizou-a:

— Venha, Marília, venha ao meu coração. Sabemos quanto tem sofrido, na silenciosa depuração espiritual. Nunca fomos surdos aos seus rogos e conhecemos, de perto, a extensão das provas amarguras que lhe colheram a alma sensível.

A visitante da Crosta Terrestre contemplava a benfeitora, enlevada e feliz, sentindo-se na presença dum anjo bom, já que não conseguia coordenar raciocínios para compreender o fenômeno em curso. Através da luminosidade de seu olhar, observávamos a ventura que lhe banhava o Espírito, jubilosa ao contacto de tão belo entendimento. Depois de acariciá-la com meiguice materna, a venerável amiga dirigiu-se ao nosso companheiro, acentuando:

— Meu filho, não queria você abraçar-me e beijar-me? Acredita que a esposa terrestre mereça menos que eu? admite, ainda, que a mãe de seus filhinhos estremecidos, saudosa e devotada, tenha



sido ingrata ao seu desvelado amor? Continuará esquecido do bem para agravar o mal? A viuvez, na Crosta, em muitas ocasiões, deve aceitar o segundo matrimônio como sacrifício necessário, por supremo respeito ao consorte que partiu. Retire dos olhos a venda do egoísmo que lhe vem interceptando a visão e interprete com naturalidade as exigências da vida terrena.

Num gesto conciliador, confiou-lhe a esposa, acrescentando:

— Ajude-a para que você possa ser ajudado. Não recuse a lição, porque o futuro virá aclará-la inteiramente.

Magnetizado, talvez, pela carinhosa advertência materna, Gotuzo abriu os braços e recolheu-a, solícito, na atitude de irmão compadecido e desvelado.

Marília observava-o, em êxtase.

— Oh! que sonho bom! — exclamou, sob indefinível expressão de ventura.

E, relanceando o olhar pelo salão em luz, dirigia-se a nós outros, comovedoramente:

— Tenho medo de minha velha habitação! ah! por favor, enviados divinos, não me deixeis voltar! nunca! nunca mais!...

Compreendendo que a nora, temporariamente liberta do corpo, entrava num domínio vibratório prejudicial à organização psíquica, em virtude dos deveres que lhe cabiam na esfera carnal, Letícia considerou, retomando-a a si:

— Ouça, filha: é preciso que você não se detenha por mais tempo. Não pode permanecer entre nós, antes que os Eternos Desígnios se manifestem nesse sentido. Volte, porém, ao lar distante, convencida de nossa afeição sem mácula. Nossa tranquilidade seguir-lhe-á os dias terrenos. Não lhe faltará cooperação. Se não pode acompanhar o esposo querido, pela inoportunidade de semelhante desejo, alegre-se e confie no Poder Divino; pois Gotuzo irá ao seu encontro. Em breve, Marília, seus

beijos orvalharão de amor e ventura um rosto pequenino, que sintetizará para as suas esperanças, de avó, verdadeiro mundo de felicidade redentora.

Emocionada pela alegria, interrogou a pobre alma:

— Gotuzo perdoou-me?

— Ele nunca sofreu ofensa alguma de seu coração dedicado — adiantou-se Letícia, bondosa — e lembrar-se-á sempre, com desvelo e ternura da companheira fiel que lhe amparou os filhinhos amados e lhe honrou o nome, entre renúncias e sacrifícios ignorados.

— Oh! oh! que felicidade! — repetia a interlocutora, afogada em pranto de júbilo e reconhecimento.

Afagando a fronte do filho, que também chorava sob forte emoção, Letícia rogava-lhe:

— Diga-lhe, meu filho, quanto a amamos! Tranquelize-lhe a alma sensível e afetuosa!

Tal como uma criança vencida, nosso irmão assegurou:

— Marília, nunca resgatarei minha dívida para com seu devotamento. Regresse, confiante, enquanto preparo minha própria volta. Brevemente, com o auxílio de Deus e de nossa abençoada mãe, estaremos, de novo, reunidos na Terra! Peça energias para mim, em suas orações de serva incompreendida. Está você em vias de terminar dolorosa prova de resgate, ao passo que vou recomeçá-la. Sou eu, portanto, agora, quem suplica auxílio e proteção... Espere-me! não desfaleça! Aprenderemos a refundir sentimentos, purificar laços afetivos, santificar impulsos e, sobretudo, abençoaremos quem nos feriu aparentemente, amparando suposto inimigo, a fim de que nos convertamos em sinceros irmãos uns dos outros...

Ambos choravam enternecedoramente.

Em seguida, Letícia restituiu a nora aos braços amigos da orientadora que a reconduziu de volta



ao corpo físico, no mesmo silêncio dentro do qual se mantivera até então.

A ex-genitora de Gotuzo recomendou-lhe que retomasse o primitivo lugar e, recompondo o ambiente, solicitou o concurso de Zenóbia para a futura realização filial.

A Diretora da Casa, rememorando talvez o esforço que levara a efeito naquela mesma noite, em benefício dum coração que lhe era particularmente amado, acusava funda emoção.

— Gotuzo conta nesta instituição com amigos que lhe são infinitamente reconhecidos — falou Zenóbia, sensibilizada — é companheiro a quem devemos muito. Realizaremos, de bom grado, tudo quanto esteja ao nosso alcance, para que a experiência nova lhe seja portadora de luzes e bênçãos. A felicidade dele, em outro setor, minha irmã, será igualmente a felicidade desta casa. Segui-lo-emos na recapitulação terrestre, atenciosos e vigilantes, não por obséquio, mas em obediência ao preito de gratidão de que somos devedores, pelos vários anos em que cooperou conosco, devotada e assiduamente.

Letícia agradeceu e partiu, deixando-nos preciosos eflúvios de paz e encantamento.

Outro iluminado mentor da organização socorrista, identificado por Luciana, então reintegrada na própria personalidade, ditou-nos, por ela, algumas palavras elevadas e santas de estímulo, endereçando-nos copiosa chuva de raios luminosos através da tela das bênçãos, recomendando à Zenóbia que encerrasse os serviços da prece, na paz do Senhor.

A diretora pronunciou enternecida oração de reconhecimento e júbilo, encerrando a tarefa.

Abraçando-nos, esclarecidos e satisfeitos pelo êxito da hora, vimos que a Irmã Zenóbia encaminhou-se para Gotuzo, enlaçando-o maternalmente:

— Oh! minha venerável irmã! — disse ele, enternecido — como é grande o prêmio da Mise-

ricórdia Divina!... Não mereço tanto! Auxilie-me a agradecer a Deus!...

— Regozijemo-nos, Gotuzo! — respondeu a interlocutora — e louvemos o Pai que tanto nos engrandece o esforço obscuro e pequenino! O agraciado de hoje não foi apenas você. Também eu aumentei, de muito, meus grandes débitos para com o Altíssimo!...

De voz quase embargada pela comoção, concluiu:

— Também eu recebi divina concessão nesta grande noite!